

Carta sobre o *Humanismo*



Martin Heidegger



CENTAURO
EDITORA

Carta sobre o humanismo

a sua essência: isto é, que ela é a casa da verdade do ser. A linguagem abandona-se, ao contrário, ao nosso puro querer e à nossa atividade, como um instrumento de dominação sobre o ente. Este próprio ente aparece como o efetivamente real, no sistema de atuação de causa e efeito. Abordamos o ente como o efetivamente real, tanto quando calculamos e agimos, como quando procedemos cientificamente e filosofamos com explicações e fundamentações. A elas também pertence o garantir que algo seja inexplicável. Com tais afirmações pensamos estar diante do mistério. Como se já estivesse estabelecido que a verdade do ser se pudesse fundamentar, de qualquer modo, sobre causas e razões explicativas, ou, o que dá no mesmo, sobre a impossibilidade da sua apreensão.

Caso o homem encontre, alguma vez, o caminho para a proximidade do ser, então deve antes aprender a existir no inefável. Terá que reconhecer, de maneira igual, tanto a sedução pela opinião pública, quanto a impotência do que é privado. Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser, sob o risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo que restar a dizer. Somente assim será devolvida à palavra o valor da sua essência e o homem será agraciado com a devolução da casa para habitar na verdade do ser.

Não reside, no entanto, neste apelo ao homem, não se esconde nesta tentativa de preparar o homem para este apelo, um empenho e uma solicitude pelo homem? Para onde se dirige "o cuidado", senão no sentido de reconduzir o homem novamente para a sua essência? Que outra coisa significa isto, a não ser que o homem (*homo*) se torne humano (*humanus*)? Deste modo então, contudo, a *humanitas* permanece no coração de um tal pensar; pois humanismo é isto: meditar e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, isto é, situado fora da sua essência. Entretanto, em que consiste a humanidade do homem? Ela repousa na sua essência.

Mas de onde e como se determina a essência do homem? (Marx) exige que o "homem humano" seja conhecido e reconhecido. Ele encontra-o na "sociedade". O homem "social" é para ele o homem "natural". É na "sociedade" que a "natureza" do homem, isto é, a totalidade das "suas necessidades naturais" (alimentação, vestuário, reprodução, subsistência econômica) é eqüitativamente assegurada. O (cristão) vê a humanidade do homem, a *humanitas do homo*, desde o ponto de vista da sua distinção da *Deitas*. Ele é, sob o ponto de vista da história da salvação, homem como "filho de Deus", que, em Cristo, escuta e responde ao apelo do

Carta sobre o humanismo

Pai. O homem não é deste mundo, na medida em que o "mundo", pensado teórica e platonicamente, é apenas uma passagem provisória para o Além.

Somente na época da república romana, *humanitas* foi, pela primeira vez, expressamente pensada e visada sob este nome. O *homo humanus* contrapõe-se ao *homo barbarus*. O *homo humanus* é, aqui, o romano que eleva e enobrece a *virtus* romana através da "incorporação" da *ἡριδεια* herdada dos Gregos. Estes Gregos são os Gregos do helenismo cuja cultura era ensinada nas escolas filosóficas. Ela refere-se a *eruditio et institutio in bonas artes*. A *ἡριδεία* assim entendida é traduzida por *humanitas*. A romanidade propriamente dita do *homo romanus* consiste nesta tal *humanitas*. Em Roma, encontramos o primeiro humanismo. Ele permanece, por isso, na sua essência, um fenômeno especificamente romano, que emana do encontro da romanidade com a cultura do helenismo. Assim, a chamada Renascença dos séculos XIV e XV, na Itália, é uma *renascentia romanitatis*. Como o que importa é a *romanitas*, trata-se da *humanitas* e, por isso, da *παιδεία* grega. Mas a grecidade é sempre vista na sua forma tardia, sendo esta mesma vista de maneira romana. Também o *homo romanus* do Renascimento está em oposição ao *homo barbarus*. Todavia, o inumano é, ago-

ra, o assim chamado barbarismo da Escolástica gótica da Idade Média. Do humanismo, entendo historicamente, faz sempre parte um *studium humanitatis*; este estudo recorre, de uma certa maneira, à Antigüidade, tornando-se assim, em cada caso, também um renascimento da grecidade. Isto é evidente no humanismo do século XVIII, aqui entre nós sustentado por *Winckelmann*, *Goethe* e *Schiller*. *Hölderlin*, ao contrário, não faz parte do "humanismo" e isto pelo fato de pensar o destino da essência do homem mas radicalmente do que este "humanismo" é capaz.

Se, porém, por humanismo se entende, de modo geral, o empenho para que o homem se torne livre para a sua humanidade, para nela encontrar a sua dignidade, então o humanismo distingue-se, em cada caso, segundo a concepção da "liberdade" e da "natureza" do homem. Distinguem-se, então, do mesmo modo, as vias para a sua realização. O humanismo de Marx não carece de retorno à Antigüidade, como também não o humanismo que Sartre concebe, quando fala em Existencialismo. Neste sentido amplo, em questão, também o Cristianismo é um humanismo, na medida em que, segundo a sua doutrina, tudo se ordena à salvação da alma (*salus aeterna*) do homem, aparecendo a história da humanidade na moldura da história da

Carla sobre o humanismo

salvação. Por mais que se distingam estas espécies de humanismos segundo as suas metas e fundamentos, a maneira e os meios de cada realização, e a forma da sua doutrina, todas elas coincidem nisto: que a *humanitas* do *homo humanus* é determinada a partir do ponto de vista de uma interpretação fixa da natureza, da história, do mundo e do fundamento do mundo, isto é, do ponto de vista do ente na sua totalidade.

⌈ Todo o humanismo se funda ou numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma tal metafísica. Toda a determinação da essência do homem que já pressupõe a interpretação do ente, sem a questão da verdade do ser, e o faz sabendo ou não sabendo, é Metafísica. Por isso, mostra-se, e isto no tocante ao modo como é determinada a essência do homem, o elemento mais próprio de toda a Metafísica, no fato de ser "humanística". De acordo com isto, qualquer humanismo permanece metafísico. Na determinação da humanidade do homem, o humanismo não só deixa de questionar a relação do ser com o ser humano, mas o humanismo tolhe mesmo esta questão, pelo fato de, por causa de sua origem metafísica, não a conhecer nem a compreender. E vice-versa, a necessidade e a natureza particular da questão da verdade do ser, esquecida na Metafísica e através dela, só pode vir à luz

levantando-se no próprio seio da Metafísica a questão: que é Metafísica? De início, questões acerca do "ser" e sobre a verdade do "ser" podem ser apresentadas como questões "metafísicas".

O primeiro humanismo, o romano, e todos os tipos do humanismo que, desde então até o presente têm surgido, pressupõem como óbvia a "essência" mais universal do homem. O homem é tomado como *animal rationale*. Esta determinação não é apenas a tradução latina da expressão grega ζφου λόγου ἔχου, mas uma interpretação metafísica. Esta determinação essencial do homem não é falsa. Mas ela é condicionada pela Metafísica, cuja origem essencial e não apenas os seus limites se tornaram, contudo, em *Ser e Tempo*, dignos de serem questionados. O digno de ser questionado foi, primeiro, confiado ao pensar como aquilo que ele deve pensar, mas de maneira alguma atirado ao consumo de uma dissolvente compulsão de dúvida.

A Metafísica representa realmente o ente em seu ser e pensa assim o ser do ente. Mas ela não pensa a diferença de ambos (Vide "*Sobre a Essência do Fundamento*", 1929, pág. 8; "*Kant e o Problema da Metafísica*", 1929, pág. 225, e ainda, "*Ser e Tempo*", 1927, pág. 230). A Metafísica não levanta a questão da verdade do